

Convivencia y buen gobierno: Nación, nacionalismo y democracia en America Latina

O livro organizado por José Nun e Alejandro Grimson traz uma compilação dos trabalhos apresentados em *Debates de Mayo II. Los Bicentenarios Latinoamericanos: nación y democracia* (Buenos Aires, 18 e 19 de maio de 2006). O Bicentenário da Revolução de Maio de 1810 é um projeto voltado às comemorações dos dois séculos da independência da Argentina, englobando ações para promover a justiça social com diminuição das desigualdades bem como a consolidação da democracia e da identidade nacional. Entre elas, destacam-se os Debates de Maio, eventos nos quais intelectuais e acadêmicos discutem a atualidade da independência e os resultados dos seus estudos pertinentes à construção nacional.

A introdução ressalta as incertezas do processo histórico na região, os desafios advindos da formação de uma comunidade sul-americana de nações e a necessidade de um Estado nacional autônomo. E, ainda, chama atenção para o esmero no trato dos conceitos de nação e democracia, abordados não como definitivos, mas sim como termos “que nos dizem para onde olhar sem nos dizer o que vamos ver” (p.12). Nun sustenta que (1) nação e integração regional podem se potencializar mutuamente, desde que haja respeito às peculiaridades nacionais; (2) o foco do problema de redistribuição da riqueza deve estar nos ricos, não nos pobres; (3) o amplo exercício dos direitos civis carece de maiores investimentos

César Weyne Batista de Souza: Sociólogo pela Universidade Estadual do Ceará

econômicos para ser alcançado.

É animador descobrir que os artigos dispostos em três partes - *La formación de las naciones en el siglo XIX, Nación y nacionalismo en la América latina del siglo XX e Integración, soberanía y democracia* – apesar de remeterem a um arranjo cronológico não ficam restritos à barreira temporal e mesmo tendo em seus títulos referências a acontecimentos nacionais buscam elucidar questões indesviáveis à integração sul-americana.

No artigo de abertura, *República y nación en América Latina: notas breves sobre una historia turbulenta*, Hilda Sabato (Universidade de Buenos Aires) lembra a agitação política do século XIX. A singularidade da experiência ibero-americana, o significado de nação à época e sua interligação com o conceito de soberania, a importância das eleições, das milícias e da opinião pública ou, em outras palavras, da democracia, do exército e da imprensa, para a construção das nacionalidades, sobressaem no texto da autora remetendo ao pensamento de dois renomados pesquisadores do nacionalismo. O austro-marxista Otto Bauer (2000), nos primeiros anos do século XX, impulsionado

pela urgência da “questão nacional” no socialismo, admitia que a formação de uma “comunidade cultural nacional” começava pela escola, prosseguia no exército moderno, formado pelos “filhos da pátria”, e se completava com o exercício da democracia, mediante o sufrágio universal, por exemplo. Benedict Anderson (2006) enfatiza no capítulo que intitula Pioneiros Crioulos a precocidade dos movimentos nacionais no “Novo Mundo” e o papel dos impressores crioulos, juntamente com os funcionários da burocracia colonial, na emergência da *comunidade imaginada*.

Enrique Florescano (Centro de Estudos Históricos) discute em *Las ideas de patria y nación en México, 1850-1910*, algumas das dificuldades encontradas pelo Estado moderno para forjar uma identidade cultural mexicana em face do considerável número de diferentes identidades étnicas. Ele mostra o protagonismo dos mestiços; o processo de secularização do cotidiano, exemplificado pela mudança do calendário, no qual os mártires da fé deram lugar aos mártires da pátria; a atuação de políticos, historiadores e artistas como construtores da nação; a relevância de museus, monumen-

tos, mapas e da pintura histórica na elaboração do imaginário nacionalista do século XIX.

O acadêmico José Murilo de Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro) analisa em seu artigo, *Estado, nación y democracia en el Brasil del siglo XIX*, aspectos históricos que nos diferenciam de outras nações latino-americanas e podem ter contribuído para manter a unidade do vasto território do país, tais como: o Império, a Monarquia, o Poder Centralizado e a Escravidão. Ao concluir, o historiador manifesta sua expectativa quanto à formação de uma “república democrática que combine liberdade, participação e igualdade” (p.71).

Encerra esta primeira parte o texto *De la comunidad retórica al Estado-nación: Bernardo Monteagudo y los dilemas del republicanismo en “América del Sud”, 1811-1822*, de Carmen McEvoy (Universidade do Sul do Tennessee). A professora examina o pensamento e a práxis política do argentino Monteagudo, personagem de destaque durante a transição de colônia a república em Lima, no período do Protetorado. Interessante perceber que as idéias de Monteagudo – implantação de um governo forte, imaturidade da

população para a democracia e rejeição do federalismo estadunidense, estão presentes em outras lideranças sul-americanas da época, como Bolívar e San Martín, por exemplo. Outro fator abordado e de importância para a construção nacional é a “aceleração do tempo histórico” (p.93), expresso pela maior precisão cronológica dos acontecimentos, incremento das tecnologias e da velocidade de comunicação, em decorrência de demandas das guerras de independência na América do Sul, e que pode ser explorado também com a ajuda tanto de Norbert Elias (1998) quanto de Anderson (2005).

Desencuentros de Colombia con el mundo andino. Entre la representatividad y la excepcionalidad inicia a segunda parte do livro. Na tentativa de melhor compreender as “excepcionalidades” deste país, Gonzalo Sánchez (Universidade Nacional da Colômbia) desenvolve seu artigo amparado em pontos que considera críticos para a formação da comunidade nacional colombiana: a questão indígena, a economia “campesina”, a relação entre movimentos sociais, partidos políticos e guerrilha, a subordinação da esfera política às instituições guerreiras.

Para Sánchez, a hipertrofia dos movimentos armados teria excluído a nação colombiana da crescente mobilização social dos seus vizinhos: “em meio a uma América Latina na qual grandes transformações são cada vez mais produto da democratização e não do triunfo das armas, a Colômbia segue sofrendo a macondiana solidão de sua guerra” (p.115).

Em seguida, Oscar Terán (Universidade Nacional de Buenos Aires e Quilmes) discorre sobre a relação entre povo e classe dirigente, com realce para o papel dos intelectuais e do movimento estudantil, no artigo *Representaciones de la deriva argentina*. Educação, eleições e o tratamento dispensado ao sufrágio universal servem de base para o autor sustentar sua análise sobre o igualitarismo na sociedade argentina.

O pesquisador uruguaio Gerardo Caetano (Centro Latinoamericano de Economía Humana) esmiúça a formação do imaginário nacional em *Nacionalismos y ciudadanía en el Uruguay del siglo XX: balances para um prospecto*. Assumindo que o Estado precede a nação, o investigador analisa como o nacionalismo romântico do Centenário da In-

dependência, o processo de urbanização, a religião e a imprensa contribuíram para o que denominou de “atual crise de identidade uruguaia”. A interpretação sobre a implantação de um “modelo cidadão hiper-integrador” que se propunha uniformizante, harmonizador, com primazia do público sobre o privado e do coletivo sobre o individual, valorização do urbano e do legalismo, apoiado no controle da produção cultural pelo Estado, merece destaque. Mesmo com o intuito de conservar as melhores características das identidades existentes no país, medidas como sanções às diferenças e inovações provocaram omissão ou valorização negativa de outras raças e etnias, desembocando no racismo e no xenofobismo. Reforçado pela já existente discriminação de índios e negros, pelo provincianismo e pela relação estreita entre as esferas pública e privada, tal plano se juntou à imigração europeia e à forte contribuição dos partidos políticos na construção da nacionalidade uruguaia.

Este segmento é encerrado pelo artigo “*Particularidades*” *históricas mexicanas: breve recuento*. Javier Garcadiago Dantán, presidente do Colégio do México, aponta “peculi-

aridades" como a intensidade da miscigenação, a formação do exército e a influência religiosa, principalmente da igreja católica em seu país, deste modo reforça a necessidade de maior aprofundamento no estudo das semelhanças e diferenças entre as nações latino-americanas.

Comentarios en torno al tema "Los desafíos de la integración: soberanía, cultura y democracia", do diretor do Centro de Estudos Históricos do Colégio do México, Guillermo Palácios, abre a última parte do livro ressaltando a missão dos Bicentenários de refletir sobre "a origem, desenvolvimento e destino dos diversos projetos de nação que surgiram nas guerras de independência" (p. 197-198). Palácios destaca ainda a importância da educação pública e sugere não ser possível uma integração regional sem coesão nacional.

Com as mesmas preocupações acerca da integração social, da diminuição da miséria e dos abismos sociais presentes na América Latina, o texto *Argentina y Brasil ante el siglo XXI*, de autoria de Hélio Jaguaribe (Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro), apresenta alguns desafios mundi-

ais do século XXI, como o exaurir de matéria-prima no planeta, para enfatizar a importância da aproximação entre Brasil e Argentina, e destes com a Venezuela, almejando uma integração sul-americana bem-sucedida.

Presidente da Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul, Carlos Chacho Álvarez defende maior proximidade entre intelectuais e dirigentes políticos, tendo em vista formular estratégias comuns de integração. Nesta perspectiva, propõe a idéia de *Estado-Región*, um sistema de governabilidade compartilhada que autofinanciaria o desenvolvimento econômico, criaria corredores produtivos e sociais entre os países membros, diminuiria a assimetria regional e proporcionaria vantajosa posição de negociação externa, além de melhor enfrentar as investidas imperialistas ou unilaterais. Chacho identifica na instabilidade política das nações sul-americanas um problema urgente e propõe aos governantes priorizar as infra-estruturas públicas demandadas pelas populações, não se subordinando aos interesses privados.

A necessidade de pensar a globalização a partir da existência do Estado-nação, a formação dos re-

gionalismos e a construção da memória nacional por meio de mitos, crenças, tradições e costumes são temas abordados por Ruben George Oliven (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), no seu artigo *La mundialización y el futuro de la nación*. Segundo o autor, em consonância com a postura dos organizadores, “o culto à tradição, longe de ser anacrônico, está perfeitamente articulado com a modernidade e o progresso” (p.226).

Em *Los bicentenarios latinoamericanos: nación y democracia. Nuestros malestares en lo nacional*, Jesús Martín Barbero (Universidade Javeriana de Bogotá) discute a formação do patrimônio cultural nacional, a importância do acesso e compreensão da linguagem de Estado pela população e a construção da memória nacional mediante a disseminação de estátuas, museus e fotografias, definindo-a como “monumentalização” da memória, além de reconhecer que a dinâmica e diversidade do patrimônio cultural nacional exigem o amparo de políticas estatais de longo prazo. Barbero também ressalta a importância da intensificação da comunicação por meio da interação entre comunidades; as novas identi-

dades surgidas da cultura urbana e o impacto das inovações tecnológicas no imaginário nacional, sendo a necessidade de identificação reforçada pelo desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Mídias que geram outros modos de identificação, como a contemporânea música nacional (novos sons como o *rock* em espanhol), reforçam a hegemonia da imagem diante do livro que deixaria de ser eixo fundamental da cultura. O autor encerra o texto com três questionamentos: Em nome de quem falam os intelectuais? Para quem falam? E quem os escuta?

Manuel Antonio Garretón (Universidade do Chile e Universidade Nacional San Martín da Argentina) retoma o debate sobre globalização e Estado, por ele definida como uma relação paradoxal. Segundo o autor de *Las reconfiguraciones de la nación ante los procesos de mundialización*, a globalização debilita a capacidade organizadora e coesiva do Estado-nação, ao mesmo tempo em que o fortalece como entidade representativa e legítima com quem se firmam tratados internacionais. Na fase de transição de sociedades industriais para sociedades da informação, um tipo específico de glo-

balização imperialista neoliberal atua no sentido de desestruturar o Estado nacional, instituição que estaria apta a solucionar as demandas dos seus cidadãos.

Escritor e analista político mexicano, Carlos Monsiváis pretende enfocar os efeitos étnicos, religiosos e de gênero da globalização. Em *México gringo y querido (Reconfiguración del país ante los procesos de mundialización)*, ele comenta o papel da ultradireita e do narcotráfico - "o neoliberalismo mais francamente delinqüencial" (p. 264) -; as implicações do *American Dream* e da migração, da concentração de renda e da precarização da educação; os impactos na linguagem das novas tecnologias (o *español*) e a ausência de teorias ou ações comuns advindas de desconfiança política entre as nações latino-americanas, que a diplomacia tenta transpor.

Na conclusão da obra, José Nun reafirma a necessidade de pensar a integração regional a partir de projetos nacionais embasados no desenvolvimento e na justiça social, bem como de aprofundar a discussão para além do âmbito acadêmico. Tal postura é indispensável para que os Bicentenários tenham reper-

cussão e conseqüências sociais duradouras. Assim, *Convivencia y buen gobierno* demonstra quão difícil é a tarefa de harmonizar textos que tenham como eixos centrais os conceitos de nação e democracia, sem, no entanto, deixar de ressaltar a atualidade, complexidade e urgência do debate sobre nações e nacionalismos na América Latina.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005.
- BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Nota: NUN, José; GRIMSON, Alejandro (Org.). **Convivencia y buen gobierno**: nación, nacionalismo y democracia en América Latina. Buenos Aires: Edhasa, 2006.